



OS FOLGUEDOS POPULARES ALAGOANOS: EXPERIÊNCIAS E PRÁTICAS NO ENSINO DE HISTÓRIA.

Adriana da Conceição Nascimento ¹
Graduada em História Licenciatura/UFAL
Especialista em Ensino de História/UFAL
Especialista em Educação Profissional e Tecnológica/IFES
LAPPEHIS/UFAL
Rayane dos Santos Lima

RESUMO

Este artigo surgiu da experiência da oferta eletiva, que faz parte do componente extracurricular do Ensino Integral da Secretaria Estadual de Educação – SEDUC. O tema escolhido para ser trabalhado foi a “História da formação da Cultura alagoana”, proposto pela professora de História. Ele foi desenvolvido dentro da disciplina de História, trabalhando especificamente a história da formação de Alagoas, utilizando os folguedos populares como mecanismo de ensino aprendizagem, no processo de construção da cultura alagoana. Assim, contribuindo para a consciência histórica. O objetivo deste trabalho é discutir os folguedos populares como cultura histórica e aprendizagem histórica, a partir das práticas e metodologias de ensino. Este trabalho foi desenvolvido em sala de aula, na turma do 2ª ano do ensino médio, da Escola Estadual de Ensino Integral Joaquim Diegues, localizada na cidade de Viçosa – AL, 4ª gerência. As aulas foram desenvolvidas a partir de mapeamentos dos folguedos alagoanos, produção de vídeos, releitura do hino do Estado de Alagoas, poemas de artistas alagoanos, bibliografia referente à historiografia e também da historiografia alagoana. Portanto, compreender esses folguedos como mecanismo para o ensino aprendizagem, considerando a história da cultura local, na construção da consciência histórica, da cultura histórica.

PALAVRA – CHAVE: Ensino, consciência histórica, cultura histórica, folguedos, História de Alagoas.

¹ Adriana da Conceição Nascimento, Graduada do Curso de Licenciatura em História, 2016, da Universidade Federal de Alagoas- UFAL, culturapopularufal@hotmail.com.

1. Introdução

Este trabalho surgiu da experiência em sala de aula da oferta eletiva, na qual é disciplina extracurricular do Ensino Integral da Secretaria Estadual de Educação – SEDUC. Essa disciplina foi ofertada dentro da disciplina de História, trabalhando especificamente a história da Formação da Cultura Alagoana, com o objetivo de ampliar, entender, explorar e conhecer a diversidade cultural de Alagoas, a partir dos folgedos desse estado. As aulas foram ministradas para a turma de 2ª ano do ensino médio, da Escola Estadual de Ensino Integral Joaquim Diegues, que fica localizada na 4ª gerencia da cidade de Viçosa – AL.

A disciplina eletiva extracurricular foi pensada para o ensino remoto, pois ainda estávamos em aula pela plataforma GOOGLE MEET, mas com a volta às aulas presenciais, o roteiro foi readaptado para todos da turma. Neste período de ensino remoto tivemos vários problemas nas aulas por decorrência da falta de internet, causando a exclusão na maioria dos alunos matriculados na disciplina.

As aulas presenciais voltaram no segundo semestre de agosto, com a divisão das turmas, uma parte presencial e outra parte remota. As turmas de eletivas não sofreram mudanças, facilitando assim, o andamento das aulas. No início do semestre, foi elaborado um novo plano semestral para planejar a readaptação das atividade que iriam ser desenvolvidas durante o final do ano letivo presencial. A partir daí, as atividades foram reelaboradas para todos os alunos que estavam em aula presencial.

No primeiro momento, na qual seria primeiro dia de aula, apresentei a disciplina para todos os alunos, tirando as duvidas para aqueles que ficaram sem as aulas remotas, mas estavam pegando material impresso. De inicio, foi um pouco dificultoso, pois os alunos ainda estavam no ritmo das aulas remotas, um pouco dispersas, pouca participação, assim também, tinha que estar atenta a todas as aulas para não deixar os alunos ficarem dispersos.

Comecei às aula a partir de fontes direcionada para a história de Alagoas, onde iniciamos as aulas a partir da história da formação do estado, trazendo fontes de documentos sobre Alagoas e Pernambuco. Nas primeiras aulas o conteúdo foi todo direcionado sobre a formação do estado de Alagoas.

No segundo momento das aulas, como eles já estavam por dentro do assunto, adentrei especificamente na formação histórica da cultura alagoana, onde foi feito uma pesquisa sobre os escritores alagoanos, as comidas, os artistas alagoanos(as), os mestres da cultura popular, os artesãos, os patrimônios históricos, as primeiras cidades que deram origem ao estado de Alagoas, as danças e os folgedos, onde foram apresentados em sala de aula, sendo



acompanhados pelo material impresso desenvolvido nos roteiros de estudos para os alunos, as devolutivas.

No terceiro momento, focamos especificamente nos conceitos de cultura e folguedos, a partir de historiadores e antropólogos, entre esses, alguns alagoanos, inclusive citando Théo Brandão, para assim compreender a cultura e folguedos locais. Dai passamos a estudar folguedos alagoanos, dividindo entre o que é folguedo e o que é danças folclóricas, onde passamos também a discutir os conceitos de folclore e conhecer os grupos de folguedos espalhados pelas cidades do estado de Alagoas.

No quarto momento, utilizei, como material pedagógico, o hino de Alagoas e uma poesia do poeta alagoano Tito Barros. Utilizei esse material, por ser um poeta pouco conhecido no estado, e assim dar visibilidade ao seu trabalho como artista. A turma foi dividida em três grupos, era uma turma pequena, facilitando o desenvolvimento das atividades. Os conteúdos foram distribuídos para as equipes trabalharem em sala de aula, sendo duas aulas na semana. A primeira equipe ficou na responsabilidade de identificar no hino de Alagoas, palavras que eles pudessem relacionar com a cultura alagoana, após, gravaram vídeos fazendo homenagem à Emancipação Política de Alagoas, transformando o hino em poema. Os vídeos foram gravados fora da sala de aula, em um ambiente próximo a escola, ao ar livre. O segundo grupo transcreveu o poema de Tito Barros, sinalizando as palavras que faziam referência à luta negra, e a formação da cultura alagoana que foi trabalhado em sala de aula. Após isso, os alunos apresentaram as palavras escolhidas, relacionando com os grupos de folguedos, dentro do conhecimento de cada um.

No quinto momento, os alunos ainda divididos por equipes, foi proposto para eles pesquisarem, em casa, nos sites das Secretarias de Cultura dos municípios alagoanos, e no google, as cidades que possuíam grupos folclóricos ativos, no estado de Alagoas, e identificar esses municípios e os grupos de folguedos, e apresentar em sala de aula. Em seguida, eles desenharam o mapa em papel carmim (cartolina) e fizeram o mapeamento dos folguedos nos principais municípios.

Finalizamos os trabalhos com uma roda de conversa entre dois mestres da comunidade local, que estiveram na escola, no auditório da escola, com as turmas do 2º e 3º anos do ensino médio Integral. Tivemos a participação da mestra de Guerreiro D. Quitéria, viúva do grande mestre Sebastião do Guerreiro (conhecida como mestra Quita), que falou sobre a política de incentivo para os grupos culturais. Tivemos também a participação do mestre da banda de Pífano, e patrimônio vivo imaterial de Alagoas, mestre Bia, na qual falou sobre sua trajetória, como mestre da cultura popular, e seu envolvimento com a banda de Pífano. Os

alunos ficaram atentos e participativos, realizando perguntas pertinentes, pois para muitos, foi à primeira vez que tiveram a oportunidade de estar próximo de pessoas que buscam a valorização e a preservação da cultura popular.

O objetivo deste trabalho é discutir metodologias de ensino aprendizagem a partir da cultura histórica, dentro de uma perspectiva dos folguedos, dando ênfase na história cultural, buscando abordagens que desenvolva no aluno uma consciência histórica valorizando a aprendizagem do estudante e o professor a partir do “aprender a aprender”, levando os alunos a compreender o processo de valorização e fazendo pensar as ações sociais, econômicas, culturais e políticas, problematizando as questões culturais vigentes no ensino de história. Assim, levando os alunos a ver os folguedos populares como ressignificação do conhecimento histórico, compreendendo esses grupos, como práticas e narrativas de influências no conhecimento histórico, pois os folguedos são grupos culturais que trazem aspectos dos povos africanos, indígenas e portugueses na qual refletem a influência na formação da cultura alagoana.

Estudar os folguedos como práticas e metodologia para o ensino de história, possibilita o estudante a desenvolver a capacidade de pensar historicamente a formação dos povos dentro de um conhecimento de experiências individuais e coletivas, das relações entre esses povos, estabelecendo com a tradição folclórica, as relações entre presente, passado e futuro.

Oportuniza debates sobre as relações culturais e a ideia de multiculturalismo histórico, baseado no desenvolvimento cognitivo dos adolescentes, a partir também do conhecimento prévio desses estudantes, o que colabora para que o conhecimento estudado possa ganhar sentido formativo para o público alvo, nesse caso, o alunado. Dessa maneira, leva a imersão de valores respeito à diversidade cultural, pautada no processo significativo do ensino aprendizagem no conhecimento histórico.

A participação desses estudantes, nesse processo de construção de conhecimento, valoriza o aluno e o professor, pois possibilita a formação para uma consciência histórica pautada na ideia central, que é “aprender a ensinar e ensinar a aprender”, sendo valorizado o pensamento histórico, a identidade e a práxis. A partir daí compreender a necessidade dessas práticas de ensino para o ensino de história.

Portanto, pensar os folguedos como metodologia de ensino, trás a ideia de uma aprendizagem a partir da cultura histórica, onde ela vai estar presente dentro da categoria do conhecimento científico, a partir das narrativas da cultura popular, valorizando as práticas

culturais, o homem como objeto de conhecimento, dentro da subjetividade a objetividade e principalmente dentro da cultura escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

2. Os folguedos.

Os folguedos alagoanos são formados pela influência de culturas que fazem parte da formação do povo alagoano, o negro, o índio e o branco. São grupos que trás a tradição de diversas culturas e saberes múltiplos. Podemos destacar esses: Baiana, Bumba-meu-boi, Caboclinhos, Cambindas, Coco, Negras da Costa, Samba de Matuto, Fandango, Chegança, Marujada, Reisado, Guerreiro e Mané do Rosário, Pastoril, Presépio, Taieiras, Quilombo, Maracatu, Cavalhada.

Segundo José Maria Tenório em “Folguedos e danças de Alagoas” (1984, p. 113), os folcloristas brasileiros denominam os grupos de dançantes e brincantes que se apresenta em festas tradicionais, festa de santos como grupos de: Brinquedos, Folgança, Auto popular, Folgado, Bailado, Dança Dramáticas, Representações populares e Teatro.

Os folcloristas brasileiros conceituaram “folguedos” na “Semana Nacional do Folclore” realizada em Maceió em Janeiro de 1952 como “todo fato folclórico dramático, coletivo e com estruturação”. Dramático, no sentido de ser representação teatral e apresentar elementos espetaculares formados por cortejo, sua organização, danças e cantorias. Coletivo, por ter aceitação coletiva e espontânea de uma comunidade. Estrutural, porque possui reunião de participantes, ensaios periódicos e certa estratificação. Seu cenário são as ruas e praças.

Para Abguar Bastos, folclorista, folguedo popular “é o fato folclórico dialogal, de participação coletiva, que desenvolve em enredo ou auto com indumentária própria e trama simbólica”.

Já Américo Pellegrini, vê como uma forma folclórica com estrutura, personagens e, às vezes, enredo, incluindo comumente danças ou coreografia reduzidas. É integrado geralmente por pessoas constantes que mantêm o tema central tradicional e, portanto, implica em participação fechada e ensaios coletivos.

“Folguedos Natalinos” de Théo Brandão, em sua introdução, Théo nos fala que pelo fato de “Alagoas situar-se entre dois grandes centros de colonização do Leste brasileiro ao Norte, Pernambuco; e ao Sul, Bahia, recebeu influência dos seus vizinhos. Explicando assim a origem de nossa cultura de folk alagoano a qual teve influência das culturas de folk dos Estados limítrofes. Foi das tradições destes Estados que temos as comemorações natalinas,

herança de Portugal. O Natal, antes de ser uma festa cristã, foi uma solenidade pagã que sofreu uma reinterpretação das práticas do cristianismo. E que ocorria no período de 24 de Dezembro á 06 de Janeiro. Os folguedos, as danças, os autos saíram dos engenhos ou se iniciaram nos engenhos, alcançando depois as cidades maiores e capital. Mas Alagoas não tem conservado seus autos e folguedos como os recebeu, sofrem uma acomodação e adaptação entre alguns deles”.

Segundo o mestre Câmara Cascudo; na obra “Folclore brasileiro - Alagoas”, 1977, de José Maria Tenório Rocha; ao estudar a origem dos contos populares brasileiro, chegou à conclusão de que a proporção das três culturas ou etnias formadoras era Índia, Negra e Portuguesa no caso 1:3:5. A influência portuguesa é a mais ponderável na formação de nosso Folclore, seguindo-se a negra e por fim, com menor contribuição a ameraba. O Índio ao incorporar-se na sociedade portuguesa transplantada ao Brasil perdeu sua colonização, sua língua, para aceitar as formas lusas. O Africano, este incorpora-se a sociedade colonial trazendo-nos algumas de suas danças profanas e religiosas e suas músicas para festividades católicas e autos populares de origem ou estrutura europeia perdendo um pouco de sua forma para adotar as do colonizador português.

Já, José Maria Tenório Rocha, em “Folguedos e danças de Alagoas” (1984, p.23) afirma que, os blocos e cordões do carnaval foram criados ou surgiram nas procissões católicas do passado. O escritor João do Rio (1951, p.78), afirma que, os cordões de carnaval saíram dos templos. “Eles vêm da festa de Nossa Senhora do Rosário ainda nos tempos colônias”. Tentando estimular a devoção e fazer crescer o fervor religioso do povo brasileiro ou ainda aliar a religião às coisas agradáveis e aceitas pelo povo. Podemos ver que apesar de serem explicações diferentes, as três afirmações tem uma ligação em comum, ou seja, o aparecimento dos folguedos em colônias e o surgimento que se deu na relação entre a religião e o profano nas comemorações.

Com o surgimento da história social, promovida por Marc Bloch e Lucien Febvre, que seria a Escola dos Annales, proporcionou um novo pensamento na historiografia, pois esses historiadores revolucionaram novas formas de ensino, e a utilização de novas fontes, sendo uma delas a interdisciplinaridade, essa nova história problematizou a ação coletiva dos sujeitos e buscou superar a historiografia metódica, positivista, cientificista e essencialmente factual do século XIX. Os folguedos possuem a ação coletiva dos povos tradicionais, promovem aproximação com o conhecimento histórico e a antropologia, onde identificamos as evidências, como fontes históricas, como também as categorias históricas, classe social, experiências (THOMPSON, 1987, p. 9).



Os folgedos possuem elementos identitário para a construção da consciência histórica, eles trazem a cogação propriamente histórica, constituído pela especificidade própria da história, em cada folgedo. A utilização desses folgedos como metodologia de ensino em história estar relacionada às categorias de argumentação, orientação temporal, empatia e narrativa histórica, como afirma Schmidt:

As categorias propriamente históricas formam o pano de fundo para a formação do pensamento, sempre em consonância com os conteúdos que constituem a substancia do conhecimento histórico. Aprender a pensar historicamente não prescinde nunca da escolha do conteúdo ou do passado que se quer aprender, para que o processo de subjetivação na relação com o conhecimento seja significativo e tenha sentido para os envolvidos na relação ensino aprendizagem (SCHMIDT, 2000, p.19).

Assim, compreendemos que as praticas metodológicas de ensino aprendizagem no ensino de história, precisa romper com o tradicionalismo, para que o processo de memorização passe a ser investigado, analisado, sistematizado e objetivado, simplificando as formas de mediação entre os alunos, para que eles possam desenvolver o processo de transformação humano, e assim desenvolver uma consciência histórica.

O livro Costume em comum de Edward Thompson(1924), discute as características da cultura plebeia, e o aprendizado transferido entre as gerações, a transmissão oral das tradições através das anedotas e narrativas e o caráter tradicional dessa cultura que assume formas conservadoras, pois os folgedos estão constituído na tradição de uma classe trabalhadora que produz conhecimento a partir dos subalternos, dai compreender a relação do trabalho desses povos com o conhecimento histórico onde estar pautado entre a cogação histórica e a perspectiva da didática na disciplina de história, e assim reconhecer os folgedos como categorias de ensino aprendizagem para o ensino de história.

3. O ensino de história e a cultura histórica.

O processo de desenvolvimento do ensino de História, no ensino básico, vem ocupando espaço, através de novas práticas e metodologias. Por todo esse tempo, as aulas de história estão centrada na memorização de conteúdos. Aulas expositivas, onde o aluno ainda acredita que o processo de ensino estar centrado na decoreba, onde ele passa a ouvir para reproduzir o que foi dito pelo professor, sem questionar ou participar conscientemente. Esses embates vêm desde o ensino fundamental I, onde as crianças

são ensinadas a ouvir e repetir, quando chegam no ensino médio tem dificuldades de expor o senso crítico, e até de falar sobre o conteúdo, gerando uma espécie de empatia com a disciplina de história. De acordo com uma pesquisa empírica realizada com estudantes do ensino médio de uma escola pública de tempo integral, em 2022, um aluno alegou que, as aulas são chatas, e que “não é importante pensar em história, História é ruim”.

Para acabar com a visão negativa sobre as aulas de história, é necessário levar o alunado a pensar a sua realidade, interagir e se posicionar a partir dos conteúdos ministrados em sala de aula. "as pessoas aprendem a raciocinar e a problematizar o que veem na realidade e não assistir sempre a uma coisa que vem do céu, como se elas só assistissem ao mundo ou vendo televisão”, como ensinava Paulo Freire (FREIRE, 1974, p. 24).

As metodologias de ensino aprendizagem, precisam ser categorias que libertem o aluno e tragam aos professores a consciência do “saber fazer para fazer saber”, as linguagens, o protagonismo juvenil, a cultura escolar, oportuniza os alunos a se aproximarem dos conteúdos, construindo um senso crítico, e compreendendo a educação como prática libertadora e consciente dentro da realidade individual do aluno, respeitando também a cultura histórica, e o processo de humanização, assim diz a Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire:

“[...] aquela que tem que ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará”(1987, p.17).

Ele ainda cita abaixo:

Tanto quanto a educação, a investigação que a ela serve, tem de ser uma operação simpática, no sentido etimológico da expressão. Isto é, tem de constituir-se na comunicação, no sentir comum uma realidade que não pode ser vista mecanicistamente compartimentada, simplistamente bem “comportada”, mas, na complexidade de seu permanente via a ser.” (FREIRE, 1982, p.118).

Assim, podemos entender que o Ensino de História precisa estar voltado para um conhecimento libertador, consciente, comprometido com o desenvolvimento sócio-crítico. As aulas de história precisam estar pautado na educação histórica que garante o desenvolvimento didático, que irá resultar na construção de uma consciência histórica. Maria Auxiliadora Schmidt diz que:

“[...] o trabalho com o conhecimento histórico na escola é fundamental na formação da consciência histórica, ou seja, no processo de interiorização de formas de organizar e dar sentidos as experiências individuais e coletivas dos jovens e crianças, nas relações que estabelecem entre presente, passado e futuro” (SCHMIDT, 2020, p.65).

As práticas pedagógicas são essenciais para o desenvolvimento das categorias do ensino em história, elas permitem o desenvolvimento e produção do conhecimento histórico. A consciência história está contida nas metodologias e práticas pedagógica, onde esclarece a realidade do processo de ensino aprendizagem.

A cultura histórica é uma categoria de análise que contem funções, que determina os elementos posto nos conteúdos, onde visivelmente e invisivelmente precisam ser trabalhados didaticamente na sala de aula. Então, Rusen diz que:

“Da consciência histórica há somente um pequeno passo á cultura histórica. Se se examina o papel que tem a consciência histórica na vida de uma sociedade, aparece como uma contribuição cultural fundamentalmente especifica que afeta e influi e quase todas as áreas da práxis da vida humana. Assim, a cultura histórica pode ser definida como a articulação prática e operante da consciência histórica na vida de uma sociedade. Como práxis da consciência tem a haver, fundamentalmente, com a subjetividade humana, como uma atividade da consciência, pela qual a subjetividade humana se realizada na prática, cria-se, por assim dizer [...]. A cultura histórica contempla as diferentes estratégias da investigação científico-acadêmica, da criação artística, da luta política pelo poder, da educação escolar e extraescolar, do ócio e de outros procedimentos da memória histórica pública” (RUSEN, 2016, p.57-58).

As funções da cultura histórica permite considerar didaticamente as vivencias, e as experiências atemporais dos alunos, caminhando para compreensão de forma crítica, social, econômica e política. A cultura histórica possui elementos necessários para a produção do conhecimento histórico. Ela possui dimensões que podem ser determinados pela sociedade, e inseridos didaticamente em uma aula histórica, como dimensões estéticas, política, cognitiva, moral e religiosa (BAUMEGARTEN, 2020, p.29). Os folguedos possuem essas dimensões, são determinados pela sociedade e podem ser narrados através da pratica cultural de interpretação do tempo e da antropologia universal.

Os folguedos são praticas de saberes, conexões que elevam a diversidade de praticas de aprendizagem diversa, baseado no conhecimento popular. É dai que, podemos pensar os folguedos como categorias para o ensino de história, onde a pratica e a vivencia dessas manifestações transcende para o conhecimento científico, através da representação das relações humanas produzidas pela movimentação cultural histórica dos elementos folk.



A historiadora Circe Bittencourt, afirma que o principal objetivo das práticas educativas é promover a autonomia intelectual do estudante, “oportunizando a realização de análises críticas da sociedade por meio de uma consciência histórica” (DCE, 2008, p. 69).

Os estudos da cultura folk, vêm de muitos anos tecendo uma trajetória de grande influencia na construção do conhecimento científico para a educação, desde os primeiros estudos sobre movimento folclore, onde muitos artista e estudiosos se envolveram para defender como disciplina na Universidade, esses estudos eram divididos entre “escolas” literárias, as chamadas “escolas folclóricas”. Esses movimentos estavam baseado dentro da construção das representações históricas e antropológicas, que formaram as estruturas culturais e educacionais dos grupos intelectuais pelo Brasil (CAVALCANTE, 2012,p.81). Entidade de representação cultural, caracterizada como agentes representantes e intermediadores de influências políticas e culturais no corpo da cultura popular. Essas escolas folclóricas direcionavam o ensino nas cidades onde essas manifestações eram visíveis. Em 1930 a 1950 existia um fluxo muito intenso nas principais cidades do estado de Alagoas, onde muitas delas valorizam os folguedos como manifestação cultural importante para o desenvolvimento intelectual do ser humano, inclusive Viçosa, foi uma dessas cidades, conhecida pelo favorecimento de muitos intelectuais da época.

O ensino de História vem se estabelecendo a partir das novas metodologias de ensino, baseado nas novas linguagens e práticas proveniente principalmente da organização do currículo escolar e do documento de base. As metodologias desenvolvidas vêm avançando no campo do ensino de história com o objetivo de quebrar com o ensino tradicional, e aproximar os alunos (a) com novos meio de aprendizagem em história.

A busca por novas metodologias de ensino também proporciona ao professor a se desenvolver nas suas práticas metodológicas, pois ela amplia o ensino aprendizagem, valoriza o conhecimento sistemático e aprofunda as informações de forma clara, objetivando domínio do conteúdo.

Assim, a educação histórica busca compreender o ensino de História a partir de metodologias e praticas de ensino referente a categorias de análise do conhecimento histórico, dialogando com outras ciências. Daí podemos também chamar de didática da história. Então a multidisciplinarietà pode ser inserida como parte desse processo de produção de ensino aprendizagem. Os folguedos emergem nesta multidisciplinarietà de culturas que organicamente estão interligados no presente, passado e futuro, compreendendo, a partir daí, a cultura histórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho vem da eletiva da grade curricular do PALEI (Programa Alagoano de Ensino Integral), ofertado pela Secretaria Estadual de Educação – SEDUC/AL, na disciplina de História, para a turma do 2º ano do ensino médio. Essa atividade teve início do desenvolvimento nas aulas remota, devido à pandemia, após o decreto de liberação do governa estadual, voltamos no segundo semestres para as aulas presenciais, onde foi refeito o planejamento e adequando ao ensino presencial.

Esse trabalho foi desenvolvido em sala de aula, outubro de 2021, em cinco momentos, cinco equipes, composta por três pessoas, com atividades produzidas através de pesquisa em sites específicos das Secretarias de Cultura, produção textual, mapeamentos, produção de conteúdos digitais, e por ultimo apresentação para o publico escolar, com participação da comunidade externa, os mestres de folgedos locais. As aulas foram planejadas de forma sistemática, e epistemologicamente didática, a partir da cultura histórica. Tivemos vários pontos positivos, um deles foi o envolvimento dos alunos com ás atividades, os conteúdos pesquisados por eles, e todo processo de desenvolvimento das atividades foi produzido pelos estudantes.

O ponto negativo foi a dificuldade de escrita deles, e a dificuldade de organizar o pensamento critico e o enfretamento das atitudes preconceituosa, em relação com os folgedos de influencia negra, como a nega da Costa.

Esse trabalho oportunizou aos alunos a compreensão da “história da formação da cultura alagoana”, além de compreender a História de Alagoas a partir da perspectiva da cultura popular, do folclore alagoano.

Os objetivos foram alcançados, a partir da participação e pela produção de conhecimento dos alunos, conforme a atividade desenvolvida pela metodologia utilizada.

O ensino aprendizagem desta eletiva “História da formação da cultura alagoana”, relacionou o conhecimento popular das categorias da cultura histórica e as praticas metodológicas, que foram observadas e desenvolvidas de forma homogêneas, subjetiva e objetiva. A compreensão dos alunos desta atividade foi por meio de métodos simples, mas de forma clara e objetiva, que estimulou uma participação direta, e indiretamente. A aprendizagem foi desenvolvida dentro da aprendizagem histórica, partindo do pressuposto de



um ensino plural, atendendo os fundamentos educacionais de libertação, agrupando conhecimento, selecionando, interpretando e reconstruindo o conhecimento histórico.

Portanto, essa atividade eletiva ofertada dentro da disciplina de História, “História da Formação da Cultura Alagoana”, para o ensino básico, trouxe aos alunos um reconhecimento da sua capacidade de pensar a história de Alagoas, dentro do ensino de História, a valorização da cultura popular, a cultura local, o folclore, e os folguedos como construção de conhecimento e construção de identidade desses povos tradicionais, para assim desenvolver a consciência histórica, partindo da cultura histórica.

Referência:

BRANDÃO, Théo. **Folguedos Natalinos**. 3º Ed. 1988.

BAUMGARTEN, Lídia. **História - uma disciplina sob suspeita: reflexões, diálogos e práticas**. Curitiba: CRV, 2020.

BRANDÃO, Théo. **Cap. XII: Baianas. Folguedos Natalinos**. Maceió: Ufal, Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore, 2003. p. 153.

BECKER, Fernando. **A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BITTENCOURT, Circe M. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2ª edição, SP. 2008.

CAVALCANTI, Maria Laura V. de C. et al. **Os estudos de folclore no Brasil. In Seminário folclore e cultura popular: as várias faces de um debate**. Rio de Janeiro, IBAC/MinC, 1992.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História**. Tempo, Niterói, v. 11, n. 21, p. 17-32, 2006.

_____. **Aprendendo a ser professor de história**. Passo Fundo: Editora UPF, 2008.

DUARTE, Abelardo. **Sexta parte (Folguedos populares negros): Baianas. In.: Folclore negro das Alagoas (áreas da cana-de-açúcar): pesquisa e interpretação**. Maceió: Departamento de Assuntos Culturais, 1974. p.355.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974. FREIRE, Paulo.

FORQUIN, Jean-Claude. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.



ROCHA, José Maria Tenório. **Baianas. Folclore brasileiro: Alagoas.** Rio de Janeiro: MMEC/FUNARTE. 1977, p. 38.

ROCHA, José Maria Tenório. **Baianas. Folguedos e danças de Alagoas: (sistematização e classificação).** Maceió: 1984. p.113.

RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado.** Brasília: Editora UnB, 2007.

_____. **Cultura Histórica, Formação e Identidade. Sobre os fundamentos da Didática da História.**

SCHMIDT, Maria Auxiliadora Moreira dos Santos. **Didática reconstrutiva da história.** Curitiba: CRV, 2020 – Brasil.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum.** São Paulo, Cia das Letras, 1998.